

Guardião da memória

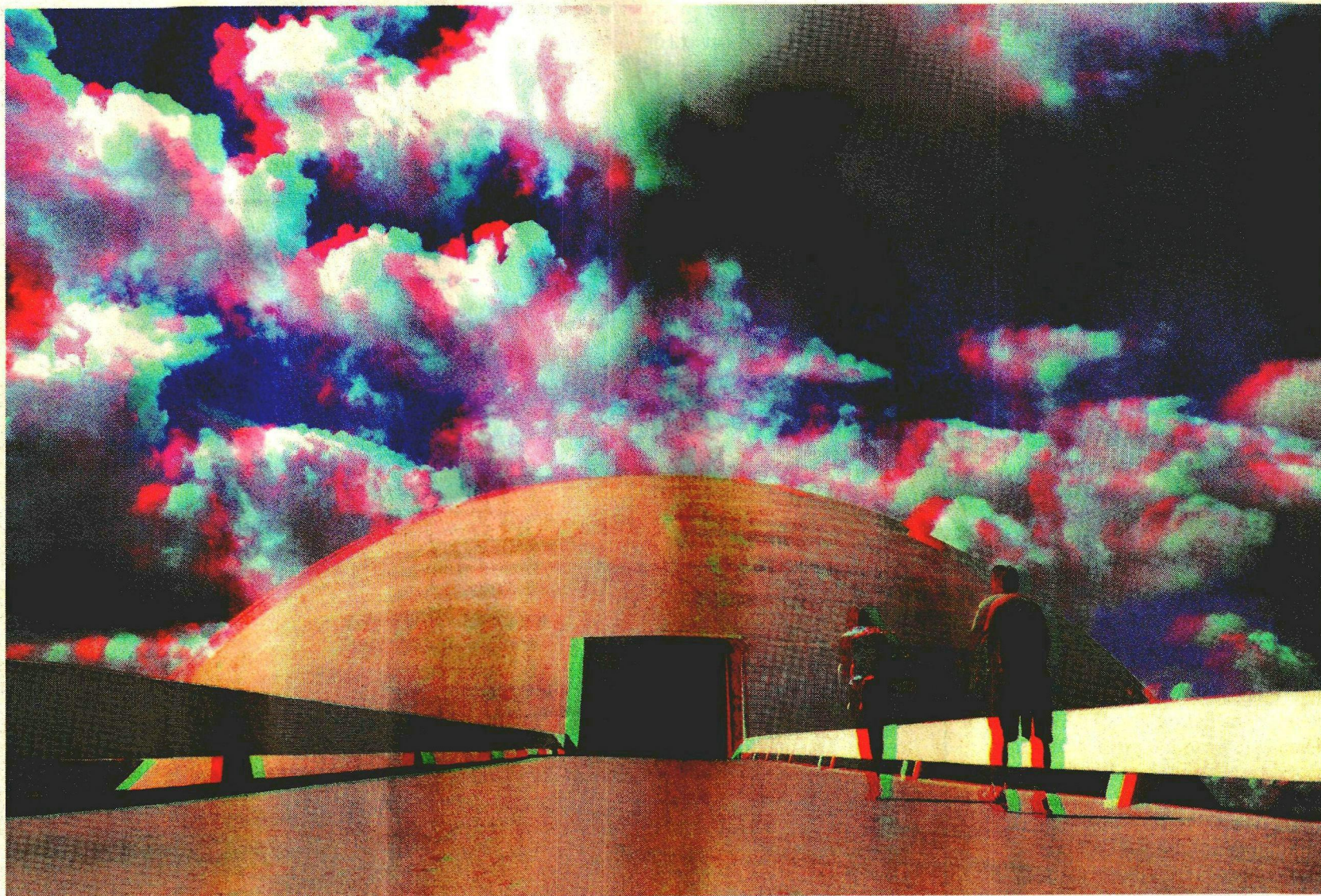
Demorou, mas saiu a construção que faltava para completar a Esplanada dos Ministérios. Conhecido como “Angra 3”, o Museu Nacional Honestino Guimarães chama atenção pela forma esférica semelhante a algumas usinas nucleares do país e com a construção tão demorada quanto as das produtoras de energia. A obra já fazia parte dos sonhos e planos da mudança da capital desde 1960. E só foi inaugurada com 45 anos de atraso, em 15 de dezembro de 2006.

Há também quem diga que a cúpula branca de 14,5 mil m² pareça um disco voador. Outros acham que ela é o símbolo da arquitetura moderna brasileira — como último projeto de Niemeyer para Brasília. Bem, mais do que ocupar um espaço no centro da cidade ou fazer parte dos monumentos impactantes, a ideia do lugar é inserir a cidade no circuito internacional das artes, receber mostras itinerantes, palestras, exibição de filmes, seminários e outros eventos. Tudo no estilo Brasília de ser: nova, receptiva, artística.

O acervo fixo de 238 obras de arte foi cedido pela justiça na operação Oceanos Gêmeos da Polícia Federal em 2006 — quando foi preso o traficante colombiano Pablo Rayo, em São Paulo. O criminoso mantinha uma galeria de arte usada para lavagem de dinheiro do tráfico. Desde 2008, os quadros estão em guarda e manutenção do Museu. Obras de artistas como Portinari, Tarsila, Di Cavalcanti, Burle Marx estão disponíveis para visitação. Hoje, expõe também 1,3 mil peças do Museu de Arte de Brasília — que está em reforma.

A missão é promover arte e cultura com programas educativos, oficinas e palestras para os 1 mil visitantes que vão aos quatro espaços expositivos durante a semana e cerca de 3 mil aos sábados e domingos. Para o diretor do monumento, Wagner Barjo, outro atrativo é a proximidade com a rodoviária. “Estar no centro da cidade significa alto índice de acessibilidade. É um espaço livre, democrático”, explica. E o arquiteto Adalberto Vilela concorda. O fácil acesso é o ponto forte do Complexo.

“Oferecer cultura de forma rápida e direta,



perto do povo, é o objetivo”, diz Vilela, goiano que mora há 16 anos em Brasília. O especialista considera a construção essencial para compor o cenário arquitetônico da capital. Quanto aos traços da obra, lembra que Niemeyer aproveita um repertório de formas ao longo da carreira — normal para a fixação de um estilo. E compara a arquitetura do museu com o desenho da Oca do Ibirapuera, em São Paulo. “Com silhueta elegante, o mesmo artista dá base às duas obras”, analisa.

Com os vizinhos, a Biblioteca Nacional Leonel de Moura Brizola e o Teatro Nacional, o Museu Nacional forma o Complexo Cultural da República João Herculino, com 91,8 mil m². A área

construída custou R\$ 110 milhões. Mas há ainda outros gastos previstos com a construção de uma sala sinfônica, uma ópera, um auditório para música de câmara, e outros dois edifícios destinados a atividades culturais.

O lugar foi batizado como Honestino Guimarães em homenagem ao estudante brasileiro que lutou pela democracia do Brasil. Iniciou sua militância na Universidade Brasília e durante a ditadura militar, foi eleito presidente da Federação dos Estudantes Universitários de Brasília (Feub). Foi preso e ficou como “desaparecido político” desde 1976. Somente 20 anos depois, teve sua morte oficialmente reconhecida.

“Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda criação autêntica é um dom para o futuro”

Albert Camus